

**UNIVERSIDADE DO ESTADO DE MATO GROSSO
CAMPUS UNIVERSITÁRIO DE PONTES E LACERDA
FACULDADE DE LINGUAGEM E ZOOTECNIA
COORDENAÇÃO DE LETRAS**

ROSICLÉIA DA SILVA ATAIDES

O HUMOR NAS CHARGES DE *IVAN CABRAL*: PARÁFRASE E POLISSEMIA

**PONTES E LACERDA-MT
2014/1**

ROSICLÉIA DA SILVA ATAIDES

O HUMOR NAS CHARGES DE *IVAN CABRAL*: PARÁFRASE E POLISSEMIA

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Departamento de Letras – Campus Universitário de Pontes e Lacerda – UNEMAT, sob orientação do prof. Me. Weverton Ortiz Fernandes, como requisito parcial para avaliação na disciplina de TCC.

FICHA ASSINADA PELA BANCA (SERÁ ENTREGUE NO ATO DA DEFESA)

BANCA EXAMINADORA

Prof. Me. Weverton Ortiz Fernandes (orientador)

Profa.Dra. Eliana de Almeida (membro)

Prof. Me. Rogério Martins (membro)

DEDICATÓRIA

A Deus, por permitir que tudo seja possível, aos meus pais, Maria da Silva Ataides e Orestes Lopes de Ataides que tanto me apoiaram durante todos os caminhos que segui. E a meus irmãos Osicléia, Osmilda e Sandro. E a todos os meus amigos que me acompanharam nessa caminhada.

AGRADECIMENTOS

A Deus, meu guia maior, que em todos os momentos mostrou-me saída nas situações que para mim não tinham solução, dando-me esperança de uma constante vitória.

Agradeço a meu orientador, Professor Me. Weverton Ortiz Fernandes, que me auxiliou intensamente para a realização desse Trabalho de Conclusão de Curso, que com paciência e inteligência orientou-me de forma correta.

Agradeço a Professora Dr. Eliana de Almeida, e o Professor Me. Rogério Martins, e a todos que de uma forma ou de outra contribuíram para a realização desta pesquisa e por fazer parte da minha história acadêmica.

A todos meus familiares e aos meus colegas de classe, pelo grande laço de amizade que foi concretizado durante todos os anos de estudos. Aos Amigos mais próximos que souberam compreender minha ausência e, em muitas situações, as minhas angústias.

A você, Enilde e Janaina, agradeço por sempre estar ao meu lado pelo apoio constante, pelos conselhos, pelas palavras de incentivo, pela sua paciência comigo e, acima de tudo, pelo amor e carinho. Obrigada por fazer parte da minha vida.

A todos, que de alguma forma, contribuíram para o meu crescimento acadêmico e a construir os grandes momentos da minha vida.

Muito obrigada.

RESUMO

O presente trabalho constitui-se num estudo sobre o funcionamento discursivo de três charges de Ivan Cabral, retirados de alguns sites da internet. Das três charges, duas remetem á organização da Copa do Mundo, na cidade de Natal, Rio Grande do Norte, e uma remete apenas aos investimentos das obras de construção civil dos setores públicos. A pesquisa se inscreve na Análise de Discurso francesa, fundada por M. Pêcheux na França e desenvolvida no Brasil por Orlandi. Temos como objetivo compreender como o efeito metafórico se constitui nas três charges selecionadas de Ivan Cabral. Para isso, mobilizaremos a noções de memória discursiva. Conforme Orlandi, nos estudos discursivos, a memória é um movimento de sentidos de retorno, entre o mesmo e o diferente, inacessível pelo sujeito. A memória fundamenta os dizeres do sujeito e sentidos das palavras. Nos materiais de análise, o estudo mostra que as charges de Cabral não se limitam apenas ao humor, mas funciona como um paradoxo de humor e criticidade. O gesto de leitura se constitui no contexto discursivo da charge, numa relação com a exterioridade, em que as palavras se configuram conforme o lugar e o dizer de uma posição sujeito tomada pela ideologia.

Palavras-chave: Memória Discursiva – Polissemia – Charge.

ABSTRACT

This paper presents a study of the discursive operation of three charges of Ivan Cabral, taken from some internet sites. The three charges, two refer to the organization of the World Cup, in the city of Natal, Rio Grande do Norte, and refers only to investments of civil works public sectors. The research forms part of the French Discourse Analysis, founded by M. Pecheux in France and developed in Brazil by Orlandi. We aim to understand how the metaphorical effect constitutes the three selected Ivan Cabral cartoons. For this, mobilize the notions of discursive memory. As Orlandi in discourse studies, memory is a movement of senses return, between the same and different, inaccessible by the subject. The memory underlies the words and meanings of the individual words. In the analysis of materials, the study shows that the cartoons Cabral not limited to mood, but it works like a paradox of humor and criticality. The act of reading constitutes the discursive context of the charge, in relation to the externality, in which the words are configured according to the place and tell a subject position taken by ideology.

Keywords: Discourse Memory - Polysemy - Charge.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	1
I - AS CHARGES DE CABRAL PELA PERSPECTIVA DISCURSIVA.....	3
II - DISCURSO, MEMÓRIA E HUMOR: CONSIDERAÇÕES.....	7
III - O HUMOR E A METÁFORA NAS CHARGES DE IVAN CABRAL.....	13
3.1 O Pôster e a charge: Paráfrases.	13
3.2 O Contexto discursivo entre o dizer e a imagem na charge de Cabral.....	15
3.3 Charge de Ivan Cabral: a polissemia entre as imagens e as palavras.....	17
3.4 O verbal e o não verbal nas charges em questão.....	18
IV - CONSIDERAÇÕES CONCLUSIVAS.....	22
V - REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....	23

INTRODUÇÃO

O material que tomamos para a análise são três charges do autor Ivan Cabral retirado de alguns sites da internet. Das três charges, duas remetem à organização da Copa do Mundo na cidade de Natal, Rio Grande do Norte, e uma, apenas remete aos investimentos dos setores públicos às obras de construção civil. Além das três charges, selecionamos um pôster referente à Copa do Mundo em Natal, pôster este que mantém uma relação com uma das charges que será analisada.

Ivan Cabral tem publicado suas charges na imprensa do Rio Grande do Norte desde 1983, que teve o seu início no Diário de Natal (Diários Associados) durante 21 anos. Atualmente publica no Novo Jornal, é membro do Grupehq - Grupo de Pesquisa de História em Quadrinhos, entidade fundada em 1971 e está em plena atividade, sendo responsável pela publicação da revista de quadrinhos Maturi, do qual participa desde a década de 1980. O autor é tido como um “ilustre” na área da charge por diversas revistas e editoras nacionais, recebendo vários prêmios e menções.

A pesquisa compreende quatro capítulos. O primeiro trata de uma descrição das charges, em que buscaremos compreender como a historicidade das palavras e das imagens nas charges se materializam entre o mesmo e o diferente, produzindo o que Pêcheux (2007) chama de deslizamento de sentidos e, através deste, a produção do humor.

O capítulo 2 apresenta as considerações teóricas da Análise de Discurso, desenvolvida por Orlandi no Brasil. Neste capítulo, a noção a ser mobilizada é a de memória discursiva, levando-se em conta que pela memória os sentidos deslizam, produzindo o mesmo no diferente, compreendido como metáfora (paráfrase e polissemia). Ao lado dessa questão, definimos em que medida será tratada na pesquisa o sentido de humor, nos dizeres de Marília Moraes (2008), que retoma Lacan e Freud, em que considera a produção do humor como “deslizamento de sentidos das palavras”.

O capítulo 3 apresenta quatro tópicos. Os três primeiros tópicos referem-se às charges de Cabral, e o último tópico às considerações entre o verbal e o não verbal, postos em funcionamento nas charges em questão. O político do qual se trata nas análises é compreendido como a divisão de sentidos, em que a crítica de Cabral aos investimentos à Copa da Fifa 2014 se sustenta pela contradição, “aceitação da realização da Copa no Brasil”.

E por último, as considerações conclusivas, em que procuramos sintetizar e compreender os efeitos de sentidos produzidos pela charge, na sua relação com a exterioridade, da linguagem verbal e não verbal.

I. AS CHARGES DE CABRAL PELA PERSPECTIVA DISCURSIVA

Dos materiais de análise, três remetem diretamente aos investimentos e organização da Copa na cidade de Natal, Rio Grande do Norte. Natal foi escolhida em 2009 para ser uma das cidades-sede de quatro jogos da Copa da FIFA em 2014.

A primeira charge que colocaremos em questão é uma que faz alusão ao pôster da Copa em Natal. O que justifica essa questão é buscar compreender como os sentidos se constituem pelo mesmo/diferente, instalando outros efeitos tanto nas palavras quanto nas imagens da charge em questão. Ou seja, a charge em questão é tida como uma materialidade discursiva em que novos sentidos se produzem a partir de outros já existentes. A seguir, o corpus para a análise.



O material acima a ser analisado, foi postado em junho de 2010 e retirado do site [HTTP://www.ivancabral.com/search/label/futebol](http://www.ivancabral.com/search/label/futebol). Pode-se observar que a imagem está em contraste com os efeitos produzidos pelas palavras, e as cores lembram as da bandeira do Brasil: azul, verde, amarelo e branco.

Observa-se também, pela própria imagem, o movimento chamado “voadeira” entre um personagem que executa o ato, representado pelo nome “governo”; e outro personagem que recebe o movimento (golpe), representado pelo nome “assembleia”. Abaixo da imagem

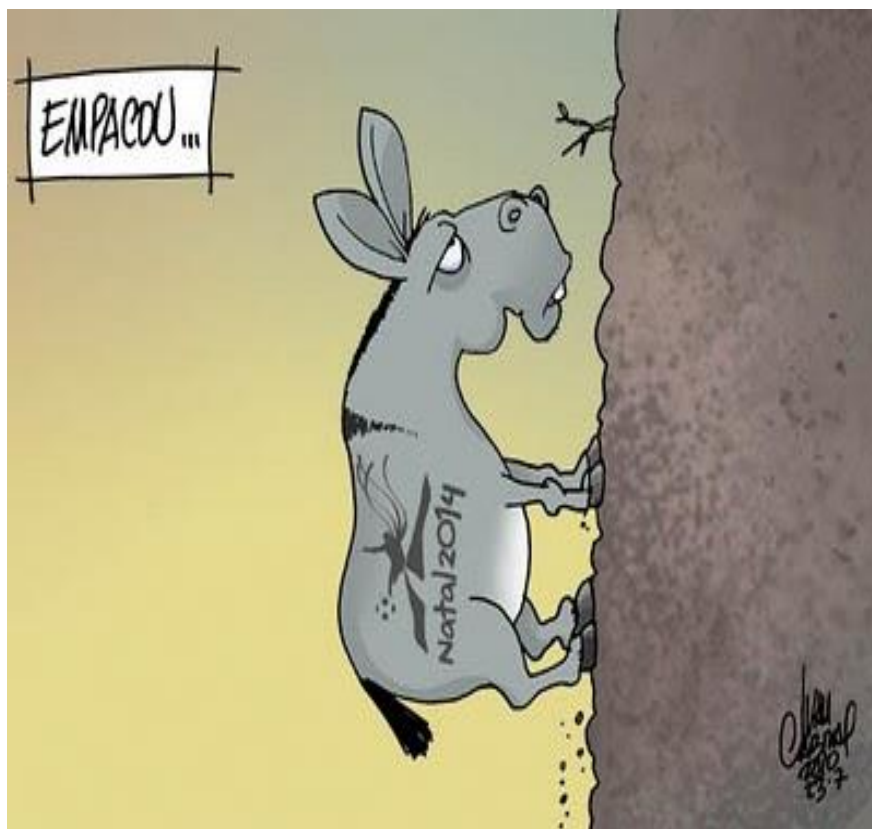
aparece o nome de uma das cidades-sede: Natal 2014, grafada em azul. Ao lado da Charge, a assinatura de Ivan Cabral, com a data da época da postagem.

Desse modo, observa-se na imagem o funcionamento da linguagem verbal e não-verbal, que se baseia em um pôster (não oficial) referente à Natal na Copa da FIFA do/no Brasil. Abaixo, o pôster de que tratamos.



O pôster acima foi retirado de um site davineto.blogspot.com, em que as cores das imagens e das letras também representam as cores da bandeira do Brasil: azul, verde, branco e amarelo. A imagem tem como destaque um jogador que pratica uma jogada considerada como “plástica”, de difícil execução, denominado de “voleio”, considerada uma das obras primas na prática do futebol. As letras em destaque “Natal 2014: É do Brasil, é do mundo” aparece associada à imagem em questão, tanto no que se refere às cores quanto no formato das imagens.

A segunda charge retirada do site [HTTP://www.ivancabral.com/search/label/futebol](http://www.ivancabral.com/search/label/futebol), postada em 23 de junho de 2010.



Observa-se na imagem da charge um ângulo invertido, um jumento se esforçando para não cair, com grafia nas costas “Natal 2014” e um enunciado com os seguintes dizeres “Empacou...”. Tanto o ângulo em que o animal é posto quanto os dizeres que se apresentam na imagem deixam em aberto efeitos de sátira, de ironia, deboche quanto à organização da Copa na cidade de Natal.

A terceira charge remete à Charge tirada do site [HTTP://3.bp.blogspot.com](http://3.bp.blogspot.com), também de Ivan Cabral, postado em junho de 2007. Abaixo a charge em questão.



Da mesma forma que as demais charges selecionadas para a análise, observam-se uma postura crítica à política sobre os investimentos realizados pelo governo brasileiro.

De modo irônico, cômico, nesta charge há dizeres que contextualiza uma posição crítica sobre os investimentos em obras públicas “A fraude nas obras públicas explicada de modo simples”, com um personagem que segura dois cartazes com imagens e dizeres sobre os investimentos: “A verba”, acompanhada de uma imagem com uma sacola de dinheiro; e “A obra”, ao lado de uma imagem “fezes humanas”.

Observamos que as três charges fazem funcionar uma posição sujeito referente à política no Brasil. E essa posição faz projetar determinados efeitos, rompendo com a questão da neutralidade. Com relação à isso questionamos: de que modo, pelo efeito metafórico, compreende-se o funcionamento contraditório entre o efeito de criticidade e o humor nas três charges de Ivan Cabral? Para respondermos a nossa problematização, faremos as considerações teóricas que nos orientarão no gesto de leitura do material em questão.

II. DISCURSO, MEMÓRIA E HUMOR: CONSIDERAÇÕES

Esta análise se inscreve na teoria da Análise de Discurso, fundada por Pêcheux na França e desenvolvida no Brasil por Orlandi. Temos como objetivo compreender como o humor se constitui nas três charges selecionadas de Ivan Cabral. Para isso, mobilizaremos a noção de memória discursiva.

Pela nossa filiação teórica, compreendemos a linguagem como discurso, em que descentraliza a noção de sujeito e de sentidos. Ou seja, sujeito e sentidos não são unívocos e nem empíricos. O dizível e a significação do sujeito, seja por enunciado, seja por gestos, imagens, se constituem pela memória discursiva, um já dito antes, em outro lugar e esquecido.

Com relação à língua, os sentidos desta se constituem pelo acontecimento de linguagem (contexto discursivo) numa relação com a historicidade. A mesma língua pode produzir diferentes efeitos inscritos em distintos contextos discursivos. Dito de outro modo, os sentidos não estão colados às palavras, às imagens. As palavras, as imagens, não são donos dos sentidos. Para a Análise de Discurso, os sentidos se constituem por fatores sócio-histórico-ideológico.

É o caso do dizível “verba” e “obra” enunciada em um dos materiais para a análise. De imediato, podemos compreender que essas duas palavras significam conforme a inscrição destes em um contexto discursivo. Compreendido por essa perspectiva discursiva, o sentido desse dizível não se dá pela literalidade, e sim pela memória discursiva.

Com relação à noção de memória discursiva, segundo Orlandi, esta é compreendida como sentidos produzidos anteriormente em outro lugar, que fundamenta o funcionamento da linguagem e do sujeito. Ou seja, é pela memória discursiva que os dizeres funcionam e se significam.

A memória, por sua vez, tem suas características, quando pensada em relação ao discurso. E, nessa perspectiva, ela é tratada como interdiscurso. Este é definido como aquilo que fala antes, em outro lugar, independentemente. Ou seja, é o que chamamos memória discursiva: o saber discursivo que torna possível todo dizer e que retorna sob a forma do pré-construído, o já-dito que está na base do dizível, sustentando cada tomada da palavra. (ORLANDI, 2002, p. 31).

Podemos observar que há uma determinada relação sócio-histórica, entre o que se diz e os sentidos já existentes. Portanto, a memória discursiva sustenta a possibilidade de produzir outros sentidos, pois sabemos que o sujeito não está na origem de seu dizer e não tem o controle do que diz: “Por isso é inútil, do ponto de vista discursivo, perguntar para o sujeito o

que ele quis quando disse ‘X’ (ilusão de entrevista in loco). O que ele sabe não é suficiente para compreendermos que efeitos de sentidos estão ali presentificados” (ORLANDI, 2002, p. 32).

Dentro dessa perspectiva é possível perceber que o sujeito enuncia a partir de uma memória discursiva, do que já está dito. Para que algo faça sentido é necessário que isso se sustente na historicidade do discurso. Portanto, “a observação do interdiscurso nos permite, no exemplo, remeter o dizer da faixa a uma filiação de dizeres, a uma memória, e a identificá-lo em sua historicidade, em sua significância, mostrando seus compromissos políticos e ideológicos” (ORLANDI, 2002, p. 32).

Tudo que já foi dito sobre determinada coisa, está significando ali. Então todos esses já ditos por alguém em um determinado momento ou em outro lugar, nos possibilitam outros sentidos sobre aquele já dito. “Disso se deduz que há uma relação entre o já-dito e o que se está dizendo que é o interdiscurso e o intradiscurso ou, em outras palavras, entre a constituição do sentido e sua formulação” (ORLANDI, 2002, p.32).

Ou seja, os sentidos estão em curso, em movimento, em mudança. Conforme determinado contexto discursivo, os sentidos deslizam produzindo outras interpretações, como é o caso da palavra “verba” e “obra”, materializados em nosso material de análise. Retomando a noção de memória discursiva, esta é compreendida como o funcionamento da historicidade, e ela é constituída pelo esquecimento.

Então, esta relação entre o interdiscurso que são (os dizeres já ditos e esquecidos, a constituição dos sentidos) e o intradiscurso que é (a formulação dos dizeres, o que se diz no momento determinado, em condições dadas) são efeitos que se significam pelo esquecimento: o do sujeito que imagina estar na origem e no controle do dizer.

Segundo Orlandi, a autora considera que:

A constituição determina a formulação, pois só podemos dizer (formular) se nos colocamos na perspectiva do dizível (interdiscurso, memória). Todo dizer, na realidade, se encontra na confluência dos dois eixos: o da memória (constituição) e o da atualidade (formulação). E é desse jogo que tiram seus sentidos (ORLANDI, 2002, p. 33).

É nesse jogo entre constituição e formulação do dizer que o interdiscurso funciona como exterioridade, como o “lugar” do outro e permite que nós nos significamos a partir da história. Com relação às palavras, de acordo com Orlandi (2009), para que estas significam é preciso que elas já tenham sentidos.

Mais uma vez, na relação entre os sentidos do dizível, o caso do material selecionado para a análise “verba” e “obra”, estes são determinados historicamente e atravessados pela ideologia, pelo interdiscurso, ou seja, pelo já dito. E por esses sentidos já existentes, entre o mesmo e o diferente, que torna possível a ruptura, possibilitando que outros sentidos possam existir.

Os sentidos formulados pelo sujeito se dão pela ilusão deste em “pensar” que é a origem do dizer e que determinados dizeres se formulam apenas por um determinado modo. Orlandi chama a isso de esquecimento. Segundo a autora, há duas formas. Uma delas é “o ideológico” que “está na instância do inconsciente, que o sujeito tem a ilusão de ser a origem do que diz, quando, na verdade está tomando sentidos já existentes” (ORLANDI, 2002, p.35). Então, podemos compreender a memória discursiva como sendo esses sentidos que já estão postos na sociedade, materializadas no intradiscurso, fazendo funcionar a ideologia.

Isso ocorre não pelas nossas vontades, mas como nos determinamos e nos inscrevemos na língua e na história.

Isso faz com que, pensando-se a relação da historicidade (do discurso) e a história (tal como se dá no mundo), é o interdiscurso que especifica, como diz M. Pêcheux(1983), as condições nas quais um acontecimento histórico (elemento histórico descontínuo e exterior) é suscetível de vir a inscrever-se na continuidade interna, no espaço potencial da coerência própria a uma memória (ORLANDI, 2002, p. 33).

Conforme Orlandi, a textualidade inscrita na enunciação são saberes que não nos pede licença, mas que vem pela história, por esses sentidos já constituídos e que é marcado pela ideologia. Nessas relações de sentidos, sempre há a possibilidade dos sentidos se tornarem outros.

O interdiscurso, compreendido nas palavras de Orlandi (2002), é algo que fala antes, em outro lugar e independentemente, e podemos perceber que é por meio do interdiscurso que o sujeito interpreta e significa a sua realidade. Nessa interpretação, a depender da situação contextual, discursiva, outros sentidos se materializam derivando dos já existentes. Por isso da necessidade de não confundir o interdiscurso com o intertexto, conforme vemos a seguir.

É preciso não confundir o que é interdiscurso e o que é intertexto. O interdiscurso é todo o conjunto de formulações feitas e já esquecidas que determinam o que dizemos. Para que minhas palavras tenham sentido é preciso que elas já façam sentido. E isto é efeito do interdiscurso: é preciso que o que foi dito por um sujeito específico, em um momento particular se apague na memória para que, passando para o “anonimato”, possa fazer sentido em “minhas” palavras. No interdiscurso, diz Courtine (1984), fala uma voz sem nome (Orlandi, 2002, p.34).

Dessa forma, o gesto de interpretação em uma dada textualidade pode ser múltiplo, mas não quaisquer um. Sendo assim, ao produzirem sentidos, os sujeitos inscrevem-se em várias formações discursivas, também se significando ao enunciar.

Na produção dos sentidos, o sujeito tem a ilusão de estar na origem do que diz, e também imagina que determinados dizeres se constituem apenas de um determinado modo. Quanto à isso, Orlandi diz:

As ilusões não são “defeitos”, são uma necessidade para que a linguagem funcione nos sujeitos e na produção de sentidos. Os sujeitos “esquecem” que já foi dito – e este não é um esquecimento voluntário – para, ao se identificarem com o que dizem, se constituírem em sujeitos. É assim que suas palavras adquirem sentido, é assim que eles se significam retomando palavras já existentes como se elas se originassem neles e é assim que sentidos e sujeitos estão sempre em movimento, significando sempre de muitas e variadas maneiras. Sempre as mesmas mas, ao mesmo tempo, sempre outras (ORLANDI, 2002, p.36).

Portanto, é neste movimento constante de discursos já ditos e não ditos que são estabelecidos dois processos básicos do funcionamento da linguagem, muito pertinente para que possamos explicar e compreender o funcionamento do interdiscurso na charge, que se constituem pelo jogo da paráfrase e polissemia. Estes são processos em que um não existe sem o outro, que funcionam o diferente e o mesmo no gesto de interpretação, constitutivo da memória.

Os processos parafrásticos são aqueles pelos quais em todo dizer há sempre algo que se mantém, isto é, o dizível, a memória. A paráfrase representa assim o retorno aos mesmos espaços do dizer. Produzem-se diferentes formulações do mesmo dizer sedimentado. A paráfrase está do lado da estabilização. Ao passo que, na polissemia, o que temos é deslocamento, ruptura de processos de significação. Ela joga com o equívoco. (ORLANDI, 2009, p.36)

A paráfrase, em termos discursivos, é a retomada do mesmo. Já a polissemia, temos a produção do diferente, da pluralidade de significações. E com essa relação entre o mesmo e o diferente, que os sentidos se materializam na linguagem.

Então, é de suma importância mencionar que na charge podemos perceber que nela são envolvidos os mais diferentes atravessamentos discursivos, rupturas entre o mesmo e o diferente, que produzirão outros efeitos, como o humor. Não vemos nas charges uma relação intertextual e sim interdiscursiva, principalmente no primeira charge selecionado para a análise.

Ainda sobre, conforme Orlandi (2002, p. 38), todos os dizeres são políticos, ideológicos: “Esse jogo entre paráfrase e polissemia atestam o confronto entre o simbólico e o político. Todo dizer é ideologicamente marcado. É na língua que a ideologia se materializa.

No dizível dos sujeitos. Como dissemos o discurso é o lugar do trabalho da língua e da ideologia”.

Além da questão ideológica que procuraremos observar em funcionamento na charge, ao falar do humor, partimos das considerações da autora Marília Brandão Lemos Moraes, (2008) baseado no artigo publicado no site Círculo brasileiro de psicanálise. Segundo Moraes, o humor era tido por Freud como uma forma inteligente de lidar com a dor e com o sofrimento e tirar prazer disto, através do riso. O humor se opunha ao sério, ao sofrimento.

A autora retoma a distinção do riso em três níveis, em que se compreende o chiste, o humor e o cômico: “E, podemos hoje acrescentar, após as contribuições de Lacan: o chiste é da ordem do simbólico, o cômico, da ordem do imaginário e o humor, da ordem do real” (MORAIS, 2008).

No caso do humor, levamos em conta esses sentidos conforme os seguintes dizeres: “O humor seria uma criação simbólica repentina, quando através da surpresa e do inesperado eclode um sentido novo. É articulado e depende totalmente da linguagem e do deslizamento de sentido da palavra” (MORAIS, 2008). Conforme elencado por Orlandi, da mesma compreenderemos esse deslizamento não como algo intencional, mas constitutivo da memória, entre o mesmo e o diferente.

Conforme Moraes, para que o humor seja compreendido, há a necessidade de entender as suas “particularidades” “[...] é preciso ser da paróquia para se entender uma piada ou um dito espirituoso” (MORAIS, 2008). E não muito diferentes são as charges de Cabral. Para que possamos compreender o funcionamento do humor, há a necessidade de estar inscrito em sua discursividade para que o gesto de leitura se concretize.

Além disso, ao retomar Freud, Moraes salienta uma questão importantíssima: o outro na construção da linguagem.

A referência de Freud à terceira pessoa coloca em cena o Outro como o lugar do simbólico, do código da linguagem, com toda sua ambigüidade, polissemia, equívoco e jogos de palavras, além da pessoa de carne e osso que a encarna. Poderíamos buscar exemplos de humor na literatura e no cinema (MORAIS, 2008).

Ou seja, o Outro é o lugar do simbólico na construção da linguagem. Além disso, o humor pode funcionar em diversos modos de construção da linguagem, que em nosso caso, tratamos de charge. E no humor, há a questão política.

[...] o humor é ético porque é afirmação do desejo ante a pulsão de morte; é estético, pois criativo contorna os interditos e causa prazer da ordem da sublimação; e

político, pois que é uma forma de desconstrução, pelas beiradas, do poder instituído, para que o sujeito reafirme o seu desejo e restaure o seu direito de existir numa comunidade social (MORAIS, 2008).

Será com base nessas considerações que compreenderemos o humor nas charges de Cabral, na relação com o riso, como uma desconstrução de sentidos instituídos, pela criticidade, e deslizamento. Mais uma vez, reforçamos que o efeito de humor se dá nesse deslizamento de sentidos na língua, e não como algo simplesmente posto e natural da linguagem. O humor faz funcionar a dor do dizível.

Conforme as considerações acima, procuraremos compreender nas charges de Cabral esse movimento de retorno, do esquecido, em que o mesmo e o diferente tanto nas imagens quanto nos enunciados são fundamentais para a produção do humor.

III. O HUMOR E A METÁFORA NAS CHARGES DE IVAN CABRAL

3.1 O pôster e a charge: paráfrases

A primeira charge de que tratamos joga com o mesmo e o diferente ao referir-se à Copa do Mundo em Natal. Buscaremos compreender os sentidos que parafraseiam o pôster.



A charge acima, de Ivan Cabral, faz crítica ao descaso do governo para com os cidadãos. Compreende-se pela palavra “Assembleia” um funcionamento discursivo que parafraseia o povo brasileiro, tido como classe baixa. Ao mesmo tempo que aparece um personagem, esse único personagem faz funcionar um conjunto de brasileiros que sofre com o descaso do governo, principalmente no que se refere à organização da Copa. Esses sentidos se constituem por um já-dito, que desliza para a significação do personagem e da grafia correspondida pela cor preta. A imagem produz efeitos de criticidade a partir do humor, deixando escapar aspectos políticos, logo ideológicos. Compreende-se, então, que o personagem na cor preta representa um conjunto de brasileiros, sem caracterização, às margens da sociedade.

Disso pode-se notar um efeito de crítica aos poderes administrativos, públicos, pois o governo que deveria ficar ao lado do povo, na charge, aparece aplicando uma voadeira, ou seja, o governo não está nem aí com o bem estar do povo.

Em uma charge que há diversas cores, alusão à bandeira do Brasil presente na Copa, compreendemos sentidos da cor preta como efeitos de sofrimento, de dor, de luto que, independentemente da intenção do autor, estão se significando na charge: um povo sofrido, inferiorizado pelo governo. Ou seja, a cor preta representa escuridão, a ausência de representação do povo, correspondente ao nome e personagem “Assembleia”.

Desse modo, a charge vai inserindo imagens no coletivo/social, imagens que anunciam e denunciam episódios fortemente marcados. Também contribui para reforçar as marcas de carência da sociedade. Logo, as imagens das charges evocam elementos da memória e movimentam outras imagens que se encontram no inconsciente do leitor.

As cores verde, amarelo e azul representam o lado do governo. Observa-se uma criticidade de cunho político e ideológico na charge de Cabral. O governo utiliza-se das cores da bandeira para falar, enunciar, produzindo sentidos de “patriotismo”. O efeito de criticidade em Cabral funciona como uma denúncia, em que as cores do Brasil utilizadas pela bandeira servem para calar os “críticos”, tidos como não patrióticos.

Vale ressaltar que toda enunciação resulta, assim, de um efeito de sustentação no já dito. Pode-se compreender um efeito de “paródia” entre as imagens de Cabral e um dos pôsteres referente à Copa em Natal.



No material em questão, há uma relação da charge de Cabral com o pôster. O que há em comum entre os dois materiais são os efeitos de sentidos (o mesmo) que permanecem pela história: um personagem executando uma plasticidade, as cores da bandeira da seleção presentes tanto no enunciado quanto na imagem, trazendo à tona sentidos já existentes no âmbito do interdiscurso.

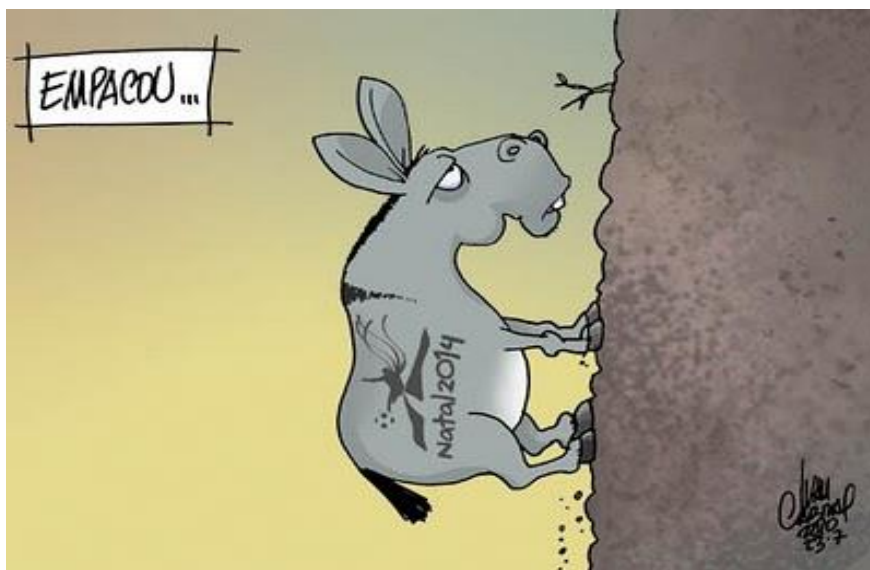
Logo, ao apresentar a charge e as sequências enunciativas, temos a retomada de um saber já dito por imagens, o pôster reatualizado e re-significado, no entanto foi reformulado em outro lugar e em outro cenário discursivo. E com essa retomada de sentidos do mesmo, temos a paráfrase, e logo o diferente em termos de produção, da pluralidade de significações. Essa possibilidade do outro, que parte do mesmo, constitui duas posições sujeitos distintos nos materiais.

No pôster, há um funcionamento ideológico, político, de aceitação e apoio à Copa em Natal, representadas pelas cores da bandeira do Brasil, tanto em relação aos enunciados em questão quanto às imagens. Na charge de Ivan Cabral, também tem-se as cores da bandeira e, ao invés da clássica jogada executada por um personagem, chamada “voleio”, temos um personagem executando uma “voadeira”. Ou seja, a “voadeira” é uma imagem derivada de outro lugar discursivo, o “voleio”.

Observa-se na charge que essa repetição, estruturante, faz funcionar uma criticidade ao governo, mas uma crítica que funciona pelo humor, pelo deslizamento de sentidos, tanto das palavras quanto das imagens. Há uma contradição em que uma crítica pode se significar na charge pelo humor. É a angústia do autor, dada a posição sujeito ocupada e determinada pela ideologia, que faz funcionar sentidos de criticidade à organização da Copa.

3.2 O Contexto discursivo entre o dizer e a imagem na charge de Cabral

Na charge a seguir, temos a imagem de um jumento, gordo, orelhudo, em um ângulo que remete a ladeira com os seguintes dizeres: “Empacou...”; grafado na barriga “Natal 2014”. Diante dos efeitos que aí se constituem, mais uma vez questionamos: de que modo funcionam efeitos de criticidade à Copa em Natal?



Como já vimos, a charge se baseia em um fato ocorrido em uma determinada época, em um determinado contexto cultural, econômico e social, e sua compreensão está ligada aos conhecimentos desses fatores (contexto da situação). A imagem de um jumento parado em uma ladeira nos faz compreender a relação deste com os sentidos de desorganização na preparação da Copa em Natal. O termo empacou na charge está significando as obras que teriam que ser feitas e empacou.

É possível identificar o local retratado no texto, a partir da presença “Natal 2014” e um enunciado com os seguintes dizeres “Empacou...”. Esse enunciado tem em sua sequência gráfica três pontos, que gramaticalmente é conhecido como “reticência”, que significa “sentidos inacabados”.

Mas não há uma sequência enunciativa que possibilite uma precisão de sequências de ideias. Porém, há um não dito possibilitando interpretações a partir dos três pontos, fazendo funcionar efeitos de “engraçado”, ao mesmo tempo uma criticidade do autor, que se materializa em conjunto com a imagem, o enunciado e a reticência. Esse conjunto funciona como uma criticidade de Cabral quanto à organização à preparação da cidade de Natal para a Copa da FIFA.

Tanto o ângulo em que o animal é posto quanto os dizeres que se apresentam na imagem deixam em aberto efeitos a respeito da organização da Copa. Além disso, a imagem “congelada” da charge produz um efeito de ambiguidade: o significante “Empacou...” não condiz exatamente com a situação do jumento, que se sustenta para não cair de uma ladeira, em que os pedregulhos dão a entender de que há um precipício que parece “puxar” o jumento.

O jumento significa o Estado, o “governo”, taxado na charge de “jumento gordo”, pode significar determinados efeitos como: gordo de dinheiro e as obras não saem do lugar.

Compreendemos aí uma metáfora quanto a organização da Copa: as obras não rendem e, ao invés de progredir, há uma regressão. O corpus remete as obras que seriam feitas na cidade de Natal, no qual estão priorizando a copa do mundo, ou seja, os investimentos estão acontecendo apenas para o enriquecimento daqueles que já são muito ricos, então o jumento na charge empacou na ladeira funciona como uma crítica às obras referente a copa.

Desse modo o autor da charge usa o humor para criticar a organização local da Copa. A charge contém processos polissêmicos de significação, o que nos permite diversas interpretações. O jumento remete aos sentidos historicizados, produzindo efeitos de um animal que serve apenas para puxar cargas, trabalho pesado, devido à falta de “inteligência”. Esses efeitos, compreendidos como humor, passam a funcionar de modo crítico aos organizadores da Copa em Natal.

3.3 Charge de Ivan Cabral: a polissemia entre as imagens e as palavras

Em nosso último material, compreendemos um jogo de sentidos entre as palavras e a imagem em questão.



O uso da língua configura efeitos conforme a inscrição delas em um determinado contexto. Na charge em questão, como os sentidos se constituem em “verba” e “obra”?

O significante “verba”, nessa relação com a imagem referente à “dinheiro”, ao lado da figura de desconsolo, de “acabado” de um determinado personagem, produz efeitos de “desvio de dinheiro”. Nesse contexto, o humor funciona como um desvio de sentidos que produz efeitos de criticidade aos investimentos do dinheiro público em determinadas construções.

O significante “obra” ao lado da imagem “fezes humana” funciona como uma paráfrase entre uma “merda” e as construções. Essa paráfrase, dado o contexto discursivo, se relaciona a criticidade aos investimentos em excesso e na péssima qualidade das obras referente à Copa.

E o humor que se constitui a partir dos significantes “verba” e “obra” se dão justamente por se constituírem pela historicidade outra “verba = dinheiro para investir em construções” e “obra = construção”. São esses sentidos apagados, esquecidos, que promovem efeitos de humor ao relacionar “verba = dinheiro” e “obra = fezes”. O deslizamento de sentidos se historiciza no dizível da charge produzindo o humor e a crítica aos investimentos públicos. A interpretação que se dá nessa charge não está na literalidade.

Ou seja, os sentidos das palavras derivam de outras regiões discursivas, “verbas” para investimentos; e “obras” para construção. Então, de acordo com análise do nosso corpus, a charge emite críticas políticas, e trata de assuntos sociais mais amplos. Logo, podemos ver que o contexto de determinadas palavras deslizam para outra. Nesse sentido as palavras verba e obra constituem efeitos metafóricos por esse contexto discursivo, numa relação constitutiva com a memória discursiva das palavras e das imagens. A charge joga como o político, onde a linguagem verbal e não-verbal articulam-se, produzindo efeitos de sentidos de humor.

3.4 O verbal e o não verbal nas charges em questão

Neste último tópico, buscaremos compreender em que medida o não verbal e o verbal se significam e produzem efeitos nas charges de Ivan Cabral. Ao tratar do verbal, o compreendemos como significantes gráficos e oralizados. No caso da materialidade em questão, o verbal são os signos gráficos, escritos, que compõem as charges. De outro modo, o não verbal é tido como signos visuais, sonoros, gestos, desenhos, etc. Na charge de Cabral, a forma, as cores, são compreendidos como linguagem não verbal.

No artigo intitulado “Os efeitos do verbal sobre o não-verbal”, de Orlandi (1995), a autora coloca que ambos, o verbal e o não verbal, são significantes por excelência. Ou seja, o não-verbal e o verbal são materialidades própria de significação “O sentido tem uma matéria própria, ou melhor, ele precisa de uma matéria específica para significar” (Orlandi, 1995, p. 39). A matéria específica de que trata Orlandi, tanto pode ser o signo verbal quanto o signo não verbal.

No caso da charge 1, há a imagem em conjunto com as palavras produzindo efeitos de “sátira”, de “engraçado”.



Para a compreensão dessa materialidade, o gesto de leitura se dá na relação entre a imagem (não verbal) e o signo gráfico (verbal). O próprio signo gráfico traz em si sentidos do não verbal, as cores, azul “Natal 2014” e de preto “governo”, “assembleia” e “Ivan Cabral”. Os sentidos dos signos gráficos ficariam comprometidos, ou produziriam outros efeitos caso não tivessem atrelado às imagens.

Já as imagens, além do comentado na análise acima, que remete as cores da bandeira do Brasil, ao lado da cor preta em uma imagem do personagem e do texto grafado. De modo similar podemos observar nas charges 2 e 3, como podemos ver a seguir.

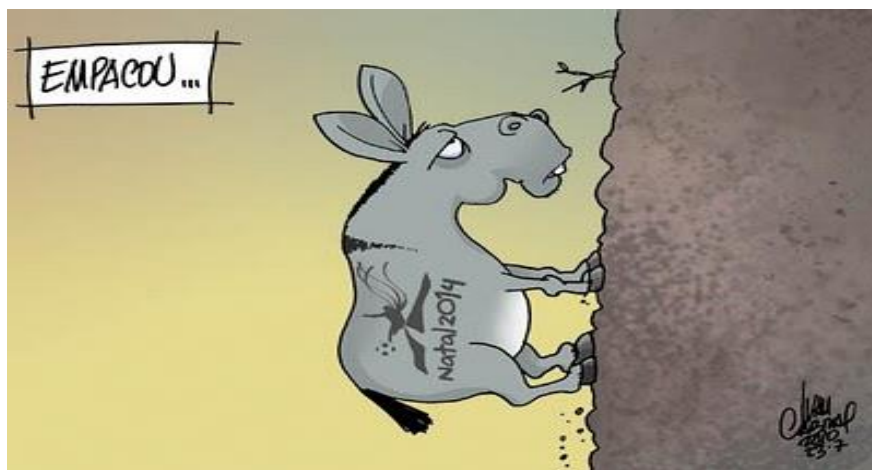


Imagem 2



Imagem 3

Na imagem 2, observa-se uma cena tida como inusitada, um jumento se esforçando em não cair no precipício (ou ladeira), ao lado do seguinte enunciado “empacou”. Os sentidos da imagem, se dissociado do enunciado, ficariam vago. E do mesmo modo o do signo verbal dissociado da imagem. Percebe-se que a imagem e o signo verbal são determinantes para a produção do humor na charge, em que o efeito produzido pelo humor, o engraçado, está na relação do jumento se esforçando para não cair ao lado do enunciado “empacou”.

Um leitor poderia se questionar do seguinte modo: qual é a coerência entre a situação do animal e o enunciado? Se levarmos em conta esse fator, percebe-se que a situação do animal (se sustentando para não cair) não condiz com o enunciado “empacou...”. Independente da intenção do autor, esses efeitos soam como irônico na produção da charge. A questão dos sentidos em coerência não funciona como a temática central do texto,

independentemente de haver ou não a coerência, a questão relevante se atém aos significantes (imagem e enunciado), produzindo o humor.

Na imagem 3 a contextualização dos sentidos e do humor se relaciona entre as imagens e o signo verbal. Um sem o outro comprometeria tal interpretação que temos sobre a crítica aos investimentos em obras públicas.

Além da possibilidade das palavras adquirirem distintas interpretações, como “verba” e “obra”, a imagem em conjunto com os signos verbais são fatores determinantes para a produção do humor na charge de Cabral. Conforme as considerações de Orlandi (1995), os sentidos do verbal e do não verbal são “intercambiáveis”, ou seja, em um determinado contexto discursivo, os sentidos das palavras e das imagens não estão dissociados em si.

No caso das charges de Cabral, os sentidos se materializam no jogo entre os significantes visuais e gráficos. Ainda sobre a questão dos sentidos entre o verbal e o não verbal, Orlandi (1995, p. 39) salienta que:

Ele não significa de qualquer maneira. Entre as determinações – as condições de produção de qualquer discurso – está a da própria matéria simbólica: o signo verbal, o traço, a sonoridade, a imagem, etc. e sua consistência significativa.

Ou seja, além dos sentidos não se significarem de qualquer maneira, o verbal e o não verbal nas charges de Cabral há de ser compreendido como materialidade signifiante, em que a sobredeterminação de uma sobre a outra existe enquanto uma ilusão criada pela ideologia. Assim, podemos compreender que, na relação entre o dizível e o não-dizível, dá-se a produção do sentido, do deslizamento, do humor.

IV. CONSIDERAÇÕES CONCLUSIVAS

Historicamente, as charges são tidas como engraçado, produzindo o que compreendemos de humor. Nas charges, em todos os casos o que observamos foi uma inquietação do autor quanto a organização da Copa. Há uma posição de criticidade, pelo humor, quanto a realização da Copa em Natal.

Quanto a isso, questionamos: e se Ivan Cabral fosse um organizador da Copa, se posicionaria do modo como observamos nas charges? Certamente que não. Nas três charges, funciona uma posição sujeito crítico, política, ideológica, quanto aos investimentos dos setores públicos em obras públicas. Ora o governo realiza péssimos investimentos, ora o governo deixa de investir em vários setores.

O que podemos compreender é uma posição sujeito já dada nessa relação com o outro, com a instituição. O humor remete a angústia da posição sujeito autor frente aos investimentos e realizações de obras públicas. Cabral se diz por um lugar já dado, ideologicamente, para significar por meio do humor a sua crítica, a sua angústia. Dito de outro modo, não é Cabral que deseja se posicionar para dizer “x”, mas o seu dizível se dá por se inscrever nessa formação ideológica.

REFERÊNCIAS

davineto.blogspot.com Acessado 03/04/2014.

HTTP://www.ivancabral.com/search/label/futebol. Acessado 03/04/2014.

HTTP://www.ivancabral.com/search/label/futebol. Acessado 03/04/2014.

HTTP://3.bp.blogspot.com. Acessado 03/04/2014.

MORAIS, Maria Brandão Lemos. **Humor e Psicanálise**. Círculo Brasileiro de Psicanálise. 2008. Acessado 03/04/2014.

ORLANDI, Eni Puuccinelli. **Análise de discurso** : princípios e procedimentos / Eni P. Orlandi. – Campinas, SP : Pontes, 8ª edição, 2009.

_____. **Discurso e texto**: formulação e circulação dos sentidos. Eni P. Orlandi. Pontes 2001.

_____. **Efeitos do verbal sobre o Não-Verbal** In: RUA: Revista do desenvolvimento e criatividade da Unicamp – NUDECRI – março 1995 - nº 1.

_____. 1942. **Interpretação**: autoria, leitura e efeitos do trabalho simbólico / Eni P. Orlandi. – Campinas : Pontes, 2004. 4ª edição.

Os múltiplos territórios da Análise do Discurso / Freda Indursky e Maria Cristina Leandro Ferreira, organizadoras. – Porto Alegre : Editora Sagra Luzzatto, 1999.